



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

**III CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS
IV SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS
III CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

Eixo: Ordem Patriarcal de Gênero, raça/etnia e classe

O processo de produção do programa de web rádio É Babado, Kyrida! como um dos disparadores das frentes de luta do movimento de homens e mulheres transexuais e travestis da cidade de Londrina.

Reginaldo Moreira¹
Linaê Mello²
Melissa Campus³

Resumo: O artigo investiga as afetações do Coletivo ElityTrans, a partir das ações de comunicação popular e comunitária do Observatório de Políticas Públicas e Educação em Saúde, da Universidade Estadual de Londrina (UEL), por meio do Projeto de Extensão “Plataformas Digitais: a produção comunitária de novas narrativas alternativas ao discurso hegemônico, como dispositivo de produção de novos sentidos”, do Departamento de Comunicação, em curso desde o ano de 2017. O objetivo é investigar como os processos de produção de um programa para web rádio colaborou como um dos disparadores de luta deste movimento social, formado por homens e mulheres transexuais e travestis, da cidade de Londrina, interior do Estado do Paraná, por meio da proposta metodológica da Cartografia Sentimental. Pode-se perceber que o processo de produção popular e comunitária do programa de web rádio É Babado, Kyrida! foi um importante dispositivo disparador de ações do movimento de homens e mulheres transexuais e travestis da cidade de Londrina.

Palavras-chave: Transexuais; Travestis; É Babado, Kyrida!; web rádio popular e comunitária, Cartografia.

Abstract: The article investigates the affections of the ElityTrans Collective, based on the popular and community communication actions of the Observatory of Public Policies and Health Education, of the State University of Londrina (UEL), through the Extension Project "Digital Platforms: of new narratives alternative to hegemonic discourse, as a device of production of new senses, "of the Department of Communication, under way since the year 2017. The objective is to investigate how the production processes of a web radio program collaborated as one of the triggers of this social movement, formed by men and women transsexuals and transvestites, from the city of Londrina, in the interior of the State of Paraná, through the methodological proposal of Sentimental Cartography. It can be noticed

¹ Jornalista, Docente Adjunto da Universidade Estadual de Londrina - UEL, Doutor em Ciências da Comunicação, email regismoreiraregis@gmail.com

² Atriz e Ativista do Coletivo ElityTrans, email linaealencar@gmail.com

³ Atriz e Ativista do Coletivo ElityTrans, email ebabadokyrida@gmail.com



that the popular and community production process of the web radio program *É Babado, Kyrida!* was an important triggering device for the movement of men and women transsexuals and transvestites of the city of Londrina.

Keywords: Transsexuals; Travestis; *It's Babado, Kyrida!* popular and community radio web, Cartography

1 - O valor de uma produção de comunicação popular e comunitária

Os valores acionados a partir dos processos democráticos de produção do programa de web rádio, denominado *É Babado, Kyrida!*, fez com que o Coletivo *ElityTrans*⁴, que estava numa fase de atividades pouco acionadas, retomasse questões fundamentais na conquista de direitos desta população. Muitas parcerias e ações foram surgindo, a partir desta nova proposta comunicacional, que desloca estigmas impostos socialmente aos homens e mulheres transexuais e travestis. Os valores produzem processos de subjetivação, que passam do valor da história a história dos valores, segundo Bertrand Binoche (2014), que nos fazem enxergar o valor do valor. Os processos de comunicação do programa de web rádio como produção de novas verdades e a busca por respostas, vão dando conta de uma narrativa plural, diversificada, e por isso mesmo, calcada nas singularidades das participantes, que transversalizem suas narrativas e tornam públicas as experiências de vida, na busca por uma emancipação social.

(...)Para Nietzsche, o termo “valor” adquire um sentido novo e importante, devendo ser entendido em oposição, por um lado, à verdade, e, por outro, ao sentido: não se trata de determinar quais são as condições requeridas para se ter um discurso verdadeiro sobre os fatos passados; tampouco se trata de envolver estes num curso racional que conduziria um sujeito à consciência de si próprio; trata-se de determinar se a história favorece a vida, isto é, ao mesmo tempo qual tipo de história favorece a vida e qual tipo de vida é favorecido pelo estudo da história. (BINOCHE, 2014, p. 38)

A academia e a ciência, e a própria história, tomada enquanto produção acadêmica e científica, ocultam, invisibilizam e muitas vezes mentem, em diversos aspectos, sobre a população de transexuais e travestis, por meio de narrativas não representativas das diversidades, numa disputa pela validação do que seja verdade, sem dar oportunidades adequadas e necessárias à eles e elas próprios, que experimentam na pele as dores e as delícias das implicações do que significa ser uma pessoa T⁵ na sociedade. Como declarou Júlia Santos (travesti, atriz e ativista social), em sua participação em uma das mesas do II

⁴ O Coletivo *ElityTrans* é um movimento social de luta por direitos de homens e mulheres transexuais e travestis da cidade de Londrina, fundado no ano de 2012.

⁵ A letra T será utilizada para denominar a população de homens e mulheres transexuais e travestis, fazendo alusão ao T da sigla do Movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais/Travestis/Transgêneros)



Simpósio Internacional em Narrativas, Gênero e Política – Mulheres e Resistência em Tempos de Violação de Direitos, ocorrido em novembro de 2018, na cidade de Belo Horizonte: “Tudo o que se produz sobre as travestis e transexuais na academia, sem o protagonismo desta população, é fofoca, e não ciência”, como muitos acadêmicos ainda acreditam.

Segundo Binoche (2014), a régua para analisar o valor não é nem a academia, nem a ciência, nem a história, mas sim a potência da vida. A partir desta potência vivenciada pelos T no processo de construção popular, comunitário, coletivo, participativo e democrático, do programa de web rádio *É Babado, Kyrida!* pudemos revelar as vistas de um ponto, sobre a realidade vivida pelos participantes, a desvendar histórias de lutas, por meio da estética da comunicação inclusiva, permitindo novas construções de valores e pontos de vistas, a partir destas forças representativas. O programa de rádio colabora com a transcodificação das histórias de vida potentes e em constante resistência, para um público mais ampliado, ouvintes destes programas, que tem como público-alvo principal a própria população T, sem descartar seu alcance a outros públicos, mas de forma secundária. Esse universo estigmatizado socialmente vem a público por meio da web rádio, mostrar outras visibilidades e dizibilidades, tensionando o campo de disputa das narrativas, com o objetivo de pluralizá-las e desconstruir os estigmas impostos, até então, pela sociedade, na tentativa de reverter exclusões sociais e instaurar outras narrativas com potencialidades múltiplas, que possa representar a insurgência ativista e estética desta população.

A importância de um veículo de comunicação protagonizado por homens e mulheres transexuais e travestis, sem a interferência de jornalistas, editores ou profissionais de comunicação que não sejam T, é fundamental, visto que as imagens e as representações desta população na mídia hegemônica ainda é calcada em estereótipos e estigmas. Além de invisibilizá-los, os vincula à marginalidade, à criminalidade, à disforias e desvios diversos, sem, na maioria das vezes, representar a pluralidade, a singularidade e a subjetividade que os compõe, contribuindo com a estigmatizações históricas desta população, o que acentua na perpetuação de preconceitos, exclusões sociais, ódio e transfobias.

Os primeiros registros históricos sobre a população LGBT constam nos autos de processos policiais, em que esta população era enquadrada enquanto criminosos. Junto a esses registros, a medicina tentava por métodos questionáveis, nos enquadrar como doentes. Foi somente no ano de 1990, que a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Organização Mundial de Saúde (OMS) e somente em 2018, iniciou-se um processo de revisão a realocação do capítulo de “transtornos mentais de identidade de gênero” para “condições relativas à saúde mental”, que prevê retirar as identidades dos e



das transexuais e travestis do capítulo transtorno mental, porém na atualização do Código Internacional de Doenças (CID), da OMS, ainda continuam como CID-11, na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde.

Os autores James Green e Ronald Polito, no livro “Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980)”, revelam, entre outras coisas, a invisibilidade da população de homens e mulheres transexuais e travestis nos processos históricos, generalizando-os como homossexuais masculinos afeminados. Esses registros policiais e medicinais trazem toda carga de estigmas, na tentativa de criminalizar ou enquadrar esta população como doente, como perigosa, como vidas que valem menos ou nada valem. São nos registros policiais e da medicina que se encontram as primeiras representações da população LGBT, frutos da união entre a medicina e o aparato jurídico-policial.

Os médicos tinham conceitos sobre o que era normal ou anormal, que os orientavam para caracterizar o homossexualismo como doença ou não. Tentavam discriminar os homossexuais como passivos, ativos ou mistos e procuravam também causas para explicar a existência de homens assim, fossem hereditárias, psicanalíticas, biotípicas ou endocrinológicas. É extensa a aproximação entre médicos e aparato jurídico-policial, cabendo à polícia capturar homossexuais considerados delinquentes e entregá-los a pesquisadores do campo da medicina para “estudos”. Uma vez apanhados pela lei, os homossexuais teriam dois destinos distintos, mas idênticos do ponto de vista do seu resultado: o confinamento. Se o conhecimento médico atestasse sua “doença”, poderiam ser encaminhados para tratamento clínico específico; se não, poderiam ser tratados como criminosos comuns. E, se houvesse uma doença, os médicos também planejavam os “remédios” e as “profilaxias” possíveis ao caso. (GREEN & POLITO, 2006, p. 21)

As experiências da medicina e as intervenções da polícia se deram sobre a população pobre, como tem sido tratada esta população no Brasil, numa repetição histórica e higienista. Os LGBTs ricos eram poupados dessas estigmatizações e estavam “protegidos” dos deploráveis métodos empregados.

Tal como outros grupos oprimidos da sociedade, eles entraram para a história na precisa medida em que foram detectados, estudados e controlados pelos grupos heterossexuais, dominantes desde sempre no conjunto social. Mais especificamente ainda, foram geralmente os homens pobres, lançados na mais absoluta miséria econômica, os que se viram investigados e esquadrihados pelas instituições policiais e científicas, sem terem nenhuma condição de se oporem a ter suas vidas e intimidade devassadas. Já os homossexuais masculinos da classe média ou da burguesia do Brasil sempre puderam escapar do cerco policial e médico implacável que foi armado, durante quase todo século XX, buscando classificá-los e condená-los. (GREEN & POLITO, 2006, p. 17/18)



Na imprensa, os LGBTs continuam a ser registrados em jornais, de forma estigmatizada. Sempre da vista de um ponto de vista de uma imprensa elitizada, composta por jornalistas e intelectuais, que de modo vertical, imprimiram e continuam a imprimir olhares sobre esta população, o que corrobora para a manutenção de uma imagem negativa.

Como não é difícil de imaginar, a maioria das fontes acerca dos homossexuais masculinos não foi produzida por eles próprios. Com efeito, levando-se em conta os inúmeros preconceitos e perseguições sofridos pelas minorias sexuais, foram raríssimos aqueles que ousaram deixar testemunhos de próprio punho acerca de sua condição, pelo menos até os anos 1960. (GREEN & POLITO, 2006, p. 17)

Raras iniciativas de colunas na grande imprensa e boletins gays começam a surgir no final dos anos 70, mas foi somente com a fundação do jornal *Lampião de Esquina*, no ano de 1978, durante a ditadura militar, pós período do Ato Institucional (AI) 5, que um grupo de homossexuais consegue formatar um periódico mensal, revelando pontos de vista da população homossexual, destinados a população homossexual.

(...) O *Lampião* não pretende solucionar a opressão nossa de cada dia, nem pressionar válvulas de escape. Apenas lembrará que uma parte estatisticamente definível da população brasileira, por carregar nas costas o estigma da não-reprodutividade numa sociedade petrificada na mitologia hebraico-cristã, deve ser caracterizada como uma minoria oprimida. E uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz. (GREEN & POLITO, 2006, p. 183)

No grupo idealizador e produtor do *Lampião*, não há a participação de homens e mulheres transexuais ou travestis, o que denota, que mesmo sendo uma conquista ao universo LGBT, deixou-se de fora, em sua estrutura pensante, a população T.

O *Lampião da Esquina* teve duração até o ano de 1981 e fez parte de uma imprensa denominada alternativa e de resistência. A partir do fim da ditadura militar e da reorganização política democrática brasileira, as potentes ações dos movimentos sociais suscitaram por um novo tipo de comunicação, cujo conteúdo fosse realizado pelas pessoas que vivenciavam essas transformações, para a reconstrução das cidadanias, das lutas, das leis, tendo a Constituição Federal de 1988, como um importante marco; da criação do Sistema Único de Saúde (SUS), entre tantas importantes pautas na reconstrução da democracia, maculada pelos 20 anos de ditadura militar.

A manipulação midiática, posta a serviço do controle social, esconde que a maquinaria do capital é um fracasso. Tal maquinaria faz uso de uma lógica violenta, que não



dá conta de suportar sujeitos de sua própria história e oferece somente as engrenagens esmagadoras de projetos, sonhos, identidades, singularidades, diversidades, pluralidades... Faz-se necessário outras lógicas de registros da verdade, que criem novos imaginários sociais dos insurgentes. Para dar conta de fazer um contraponto a essa fracassada e mal sucedida produção midiática manipulada e tendenciosa à manutenção do domínio da mesma velha elite dominante, são necessários dispositivos em que possam reconhecer essa disputa e tensionamento da maquinaria do capital. É urgente a criação de outras narrativas que revelem as maquinarias do desejo da população de homens e mulheres transexuais e travestis, seus novos lugares na estética do viver, de produção de novos cuidados, de outros sentidos e de novas imagens. É a desterritorialização e territorialização, a desconstrução de antigos mundos, para o surgimento dos novos potentes mundos, amplos de significados. Esses dispositivos de comunicação popular e comunitária devem dar possibilidades às pessoas insurgentes, para que proclamem: eu tenho um lugar, eu existo!

2 - Um veículo protagonizado pela população T

Após um ano de intenso processo de produção popular, comunitário e democrático, o programa de web rádio É Babado, Kyrida! teve sua estreia em junho de 2018, com veiculação pela Alma Londrina (www.almalondrina.com.br). A periodicidade, em princípio, é quinzenal, mas tem sido adaptada às realidades e contextos do Coletivo ElityTrans e do Projeto de Extensão Universitária. Todos os conteúdos encontram-se disponíveis em formato podcast, no site da veiculadora. Até o momento já foram veiculados dez programas. Outros estão pautados e em desenvolvimento.

O protagonismo da população T tem intuito de gerar novos sentidos, afetações, deslocamentos de estigmas, em combate por transformações sociais. A produção de narrativas contra hegemônicas pela própria população e para a população de homens e mulheres transexuais e travestis, sem interferências de editores ou profissionais de comunicação que trabalhem com visões verticais e estigmatizadoras, faz com que a proposta horizontalizada permita a criação de novas possibilidades de dizibilidades e visibilidades destas pessoas.

A participação dos envolvidos e envolvidas perpassa todos os processos de produção, desde os gêneros e formatos jornalísticos, à veiculação radiofônica. Conforme aponta Demo (1988), a participação “não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência. A participação precisa ser construída, forçada, refeita e recriada”. No caso de nossa revista eletrônica, os quadros, as músicas, as pautas e todos os



conteúdos são frutos do “fazer com”, vigiando-se sempre com relação à herança colonizadora, neoliberal e um tanto fascista, do “fazer por” ou do “fazer para”. Os programas são produzidos e gravados na cidade de Londrina, porém as pautas têm relevância nacional, o que leva a produção buscar como fontes as lideranças, ativistas e estudiosos de todo país, tornando-se uma referência contra hegemônica de comunicação para esta população de forma mais diversa e ampliada.

Composta por diversos quadros, com nomes advindos da linguagem Pajubá⁶, como podemos observar nos quadro “É bafo, mona”, que se presta a esclarecer assuntos relativos à população de homens e mulheres transexuais e travestis. Outro quadro é sobre denúncias da população trans, batizado de “Bota a Cara no Sol”. As dicas foram intituladas por “Almanaka”. Já a língua Pajubá, traduzida para a população, levou o nome de “Nossa Língua Pajubá”. O “Minuto Trans”, traz depoimentos sobre os processos de transformação de trans. Histórias da vida real são transformadas em radionovela, no quadro “O Exagero de La Piele”. “Sarau no ar” traz a produção poética trans. A enquete também se faz presente, como o nome “Da esquina” e a entrevista levou o nome de “Aquenda”. Até o momento, os programas foram realizados de forma temática abordando diversas pautas, entre elas: Saúde Integral; Nome Social; História do Movimento LGBT; Transexualidade e Saúde Mental; Arte como política da existência; A política do escândalo; Direitos Trans; Paradas do Orgulho LGBT; Escola Sem Partido; Direitos Reprodutivos e Família, Gênero e Amor. Vale ressaltar que as trilhas sonoras são parte integrante do conteúdo e são escolhidas de acordo com os temas e preferencialmente de artistas LGBT’s ou parceiros nas pautas do movimento.

Desde sua estreia, as participantes declaram sobre a importância do projeto e a subversão do microfone, que agora passa para as mãos da população de homens e mulheres transexuais e travestis. Elas que sempre foram vistas como objeto de pesquisa, agora são também pesquisadoras dos processos comunicacionais.

A comunicação popular, enfim, contribui para a democratização e a conquista da cidadania. Que não significa alguém poder votar a cada cinco anos naqueles que vão decidir por ele, mas também aprender a participar politicamente [...] A comunicação popular não faz isso por si só, mas apenas se estiver inserida na dinâmica dos movimentos, gerando-se a partir deles e, como consequência, caminhando na mesma direção por eles apontada.

Assim, toda práxis – teoria e prática – da comunicação popular no Brasil representa uma conquista muito expressiva para os setores que dela se servem, num amplo

⁶ O Pajubá é um dialeto que tem origem no Nagô e Yorubá, linguagens de matizes africanas, muito utilizado pela população T para codificar os diálogos na rua, principalmente na época da Ditadura Militar, por conta da repressão policial. Atualmente o Pajubá também foi incorporado na estética LGBT.



processo político-educativo de uma população sem tradição de participar, de forma igualitária, nas decisões que a afetam e, ainda por cima, impedida de se reunir durante mais de duas décadas de regime militar autoritário. /contudo, ela não se constitui numa força predominante nem hegemônica na sociedade civil, mas está cooperando para a democratização desta e da comunicação como um todo. (PERUZZO, 1998, p. 158)

A revista radiofônica “É Babado, Kyrida!” não só nos oferece uma perspectiva ampla e pedagógica da cultura, da história e da política da população trans, como também tem sido um dos disparadores para o campo prático das ações que impactam de forma direta o ativismo da produção e dos coletivos que se potencializaram nos encontros e desencontros antes, durante e depois de cada reunião, gravação ou edição. Reparar que a frente da produção de uma mídia radical que visa combater os estigmas impostos pela sociedade sobre a população de travestis e transexuais não só da cidade de Londrina, mas como uma proposta de web rádio, vem com uma potência tão forte e tão política quanto os corpos que compõem e já compuseram esta equipe, frente ao desejo de pautar questões do cenário desta população no Brasil, visto que é o país que mais mata pessoas trans no mundo é um desafio, um compromisso, e também um “gozo” trazer os relatos e as urgências que se demandam, num mesmo processo de construção desta revista, também tivemos outras iniciativas que corroboraram de forma positiva para este coletivo.

Cartografia Sentimental: uma proposta metodológica dos afetos

Os caminhos dos afetos, que se experimenta a partir da potência da vida, nesta pesquisa se encontra para além da ciência tradicional, da academia conservadora ou na histórica verticalizada, conforme discutimos anteriormente. A proposta metodológica da Cartografia Sentimental possibilita a validação das subjetivações como verdade científica, a partir dos afetos, dos corpos vibráteis e dos processos rizomáticos, que produzem sentidos a partir do experimentar na própria pele. Essa proposta não prevê hipóteses, nem objetos, nem início ou fim, o que a norteia são os processos, que vão sendo vivenciados, emprestando o olhar do pesquisador sobre o campo, num percurso que implica na produção de novos sentidos, eixos e conexões tanto na vida do pesquisador, quanto na vida dos pesquisados.

Neste processo, o conhecer demandado será um conhecer militante, um saber que não pode deixar de ser singular, ou quase particular, que faça sentido para quem está no processo sob análise, e que poderá fazer sentido para os outros que compõem o cenário protagônico em interrogação. (MERHY, 2004, p. 13)

Este trabalho não se propõe isento, imparcial e distante, compreendendo que esse falso rigor, muitas vezes confundido com a rigidez, fosse o único caminho possível para se chegar à verdade científica. O pesquisador observador aqui é implicado e agenciado pelas potências das vidas. Nesta pesquisa, a inserção do pesquisador in-mundo é que valida as verdades, numa proposta contra hegemônica de produção do saber, que é um caminho possível para tornar a ciência, de fato, potente e livre de academicismos, que se baseiam tão somente em conceitos representação, enquanto que a proposta cartográfica busca os conceitos vivência, sendo o pesquisador também um cartógrafo, e, também, segundo Rolnik, um antropófago.



Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2007, p. 23)

Todos estamos num processo de produção de vida e de mundo, por meio da criação dos sentidos que damos a eles, numa intensa e constante disputa sobre esses sentidos. O real vivido é validado por nós por meio das afetações, que constituem a realidade de como pensamos, somos e agimos. Nada é estanque na produção das vidas e dos mundos, mas processual. Não há começos e nem fins, mas caminhos. Não há qualquer tentativa de enquadramento ou formatação do que é intrinsecamente processual, que não perca as amálgamas, as ligações imbricadas, as conexões diversas, o rizoma apresentado por Deleuze e Guattari.

Um rizoma não começa, nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança. A árvore impõe o verbo “ser”, mas o rizoma tem como tecido a conjunção “e... e... e...” Há nessa conjunção força suficiente para sacudir e desenraizar o verbo ser. (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 37)

Nas conexões “e” desses processos rizomáticos, em que os corpos vibráteis potencializam os encontros, o sentimental proposto por Rolnik, está longe de significar sentimentalismos, mas traz no seu significado as relações de afeto, o estado de ser afetado por alguém, alguma causa, pelo território, pelo mundo.

A metodologia cartográfica não pressupõe um objeto, mas investiga um processo em produção, com a mobilidade necessária para que se faça possível a criação dessa nova imagem da população pesquisada, o que será desenvolvido por meio dos diversos platôs, conforme Rolnik (2007).

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um modo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.



Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago. (ROLNIK, 2007, p. 23)

A cartografia constrói-se a partir do olhar do cartógrafo/pesquisador sobre a pesquisa realizada. Nessa construção, as fontes fundamentais e a associação dos múltiplos narradores é que validam e legitimam as narrativas. Na inexistência de registros que documentem as narrativas dos depoentes, a metodologia vale-se da repetição dos acontecimentos no próprio discurso narrado, para ampliar a veracidade do que foi dito.

O movimento da viagem, na busca do sentido de vida, permite-nos construir protocolos, links e conexões possíveis por meio da cartografia, buscando mostrar o que é visível somente ao sensível, segundo Rolnik (2007). A cartografia sentimental constrói-se pela investigação sobre os processos de significação de sentido dos eixos ordenadores, das descobertas de novas redes de conexão, do sentido da trajetória.

A linguagem tem o intuito de traduzir complexidades advindas das narrativas discursivas da população de homens e mulheres transexuais e travestis, seus enfrentamentos diante do mundo, suas superações e a criação de novas conexões que possibilitem e ampliem novos modos de ser no mundo, livre de estigmas impostos socialmente e historicamente. A sintonia cartográfica, segundo Rolnik (2007), é teórico-pragmático-poética. O emprego de recursos de linguagem, auxilia a tradução dos encontros de sentidos que se apresentam pela viagem cartográfica. Para Deleuze e Parnet (1977), não há senão palavras inexatas, para designar algo exatamente. Segundo Moreira,

A experiência que se vive é como se fosse uma correnteza que avassala a vida dos participantes do projeto e que não cabe em tubos de ensaio. A força das águas, mais que sua composição química, nesse contexto correnteza, é o que nos impulsiona, pois é água viva repleta de movimentos e conexões; rio, movimento que alarga o leito margem afora, mesmo que o rio analisado possa ter o leito acidentado em maior ou menor intensidade, que os considerados "normais". Muitos rios, que por anos foram estancados e tiveram suas águas represadas, podem dar vazão à sua expressividade (...), sem que isso signifique falta de direcionamento, pois o próprio leito funciona como um canalizador das águas da nascente que tornará correnteza. Nos terrenos mais acidentados é que nascem as cachoeiras, só neles. (MOREIRA, 2014, p. 38)

A palavra recordar é composta pelo prefixo "re", fazer de novo o movimento, acrescido de "cordis", relativo ao coração. Portanto recordar é colocar de novo no coração. O processo de recordar faz com que as fontes rememorem, revivam as emoções, os afetos, as implicações, na busca de novos sentidos. Assim, a construção do conhecimento singular



desta pesquisa se dá por meio desta proposta apresentada, com o intuito de revelar vistas de pontos e colaborar com a população de homens e mulheres transexuais e travestis, colaborando com futuros pesquisadores, com a pesquisa científica e com a Academia.

3 - Considerações finais

É possível observar que as articulações e os processos de construção coletiva do Programa *É Babado, Kyrida!* foram importantes dispositivos disparadores de outras conexões do Coletivo *ElityTrans*, que se encontrava num momento de pouca atividade. Em menos de um ano, o coletivo compôs diversas outras frentes do movimento social. A ampliação destas redes de conexão deu-se rizomaticamente. No decorrer destes processos de construção do programa, essas outras articulações criaram outras vias de acesso e direitos para a população trans da cidade de Londrina e região, como o projeto chamado *Eskuta Trans* e a *Rede de Proteção e Garantia de Direitos da População T*. Boa parte das pessoas estavam em todos estes processos, formando e fortalecendo essas e outras redes, uma vez que a energia e a união trazida ao grupo que se formou nesta iniciativa do *É Babado, Kyrida!*, potencializou e disparou criações de novas perspectivas, ao que antes parecia impossível: ocupar espaços enquanto travestis, trazer uma rádio revista com propostas tanto ousadas quanto sedutoras, é o que também marca a conexão do programa com esta população, marginalizadas e excluídas da sociedade, hoje protagonistas de um programa de rádio veiculado pela web rádio *AlmA Londrina*. Tais mudanças de cenário deram oportunidades a diversas pessoas trans irem até o estúdio de rádio e gravarem pautas urgentes, como também registrarem detalhes, que muitas vezes passam despercebidos, silenciados e invisibilizados pela sociedade. A subversão da ordem imposta no jogo do poder midiático hegemônico na representação de homens e mulheres transexuais e travestis, como também o lugar da produção da ciência, muitas vezes imposta pela Academia, que os tem como objetos de pesquisa, é explicitado na fala de *Melissa Campus*, umas das protagonistas do programa, na noite de lançamento do mesmo: “Antes erámos pesquisadas. Agora somos pesquisadoras. O microfone mudou de mãos e isso faz toda diferença”.

Segundo as participantes do projeto, os ouvintes têm sempre críticas positivas e construtivas sobre este processo. Esta iniciativa afetou diversas pessoas que se identificaram, e que, de alguma forma, se sentem parte do projeto. Para *Linaê Mello*, umas das apresentadoras do programa:

O *Babado* veio como um norteador de algumas questões além de criar novas oportunidades para as protagonistas deste programa, também nos convida a entender melhor e por em prática o respeito para com esta população, mostra que não é tão difícil ou impossível quanto parece, e nos indica que há várias formas de ser diferente



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

e que não só as pessoas mas muitas vezes seus participantes querem estar um pouco longe do considerado “normal”.

O programa de rádio *É Babado, Kyrida!* está sendo disparador de outras maquinarias de desejo comunicacionais desta população, que anunciou numa das reuniões de produção da revista, a necessidade de criação mídias audiovisuais, com a implementação de um canal no youtube, para que possam veicular conteúdos de cunho local, de maneira mais informal e bem-humorada. As novas possibilidades estão em fase de gestação e sendo planejadas para que em breve sejam concretizadas.

O teatro acompanha o Coletivo *ElityTrans* e parte das ativistas participam do Grupo de Teatro *Translúcidas*, dirigido pelo ator e ativista *Herbert Proença*. Muitas referências dos personagens e da performance no programa de rádio, advém desta bem-sucedida experiência, tendo o corpo como mídia de transformação social e política. Além desta experiência, a população de homens e mulheres transexuais e travestis também investiu em *Oficinas Drags*, denominada *TravaClowns*, coordenadas pela ativista *Melissa Campus*, uma das importantes lideranças do Coletivo, que formatou um espetáculo, com algumas apresentações pela cidade.

Como podemos perceber, as ações de comunicação têm tido um efeito disparador para outras ações da militância desta população. O Coletivo *ElityTrans* começou um trabalho junto com a Defensoria Pública e foi criada uma Rede de Proteção e Garantia de Direitos da População Trans de Londrina, em parceria com o Centro POP, dos viventes das ruas da cidade. A rede está em funcionamento na Ocupação Cultural do Movimento dos Artistas de Rua de Londrina - Canto do MARL – e semanalmente recebe trans para diversas atividades de saúde e cultura. Tais experiências têm sido propostas por docentes e discentes do curso de Psicologia da Universidade Norte do Paraná (UNOPAR), da disciplina Psicologia Social e Comunitária, e desenvolvidos pelos e pelas ativistas do Coletivo *ElityTrans*, sob o prisma da ótica de mobilização social, considerada elemento importante na construção social dos sujeitos envolvidos. As construções são diversas e abrangem ações de Ciranda, de Cidadania, de Teatro, além da formação de um trabalho em rede entre serviços, profissionais e ativistas, na elaboração de fluxo de atendimento à população de homens e mulheres transexuais e travestis. Todas essas ações se encontram atravessadas por questionamentos éticos e voltadas à construção de formas de enfrentamento às violências que essa população vivencia, bem como a garantia de seus direitos.

Na produção científica do campo acadêmico, fomos surpreendidos com a exclusão que certos congressos destinados ao público LGBT, e um especificamente ao público T, que



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

exigia para a inscrição de trabalhos, que a pessoa fosse doutora, caso fosse a autora principal do trabalho, ou, no mínimo, estudante universitário, em caso de co-autoria. Ora, não é segredo a segregação e exclusão da população T dos processos educacionais formais. A transfobia vai matando e impossibilitando o acesso e a permanência nas escolas. É raro encontrarmos homens e mulheres transexuais e travestis com curso superior e, mais difícil ainda, com titulação de doutor. Mas a academia, muitas vezes desconectada com o social, mesmo quando destina um congresso especificamente para esta população, a exclui. Desta forma, comecei propor trabalhos científicos em congressos, escritos em parceria com as transexuais e travestis, além de incluir também os discentes que participam como monitores do projeto. Dois artigos foram aceitos e apresentados em congressos em 2018. Um deles no V Congresso Brasileiro de Educação Sexual, ocorrido em novembro de 2018, na UEL, em Londrina. Apesar de aceito nosso resumo e realizarmos nossa apresentação, o artigo completo não foi enviado, pois durante a realização de tal Congresso foram evidenciadas cenas de transfobia, como a não participação de nenhuma pessoa transexual ou travesti, numa mesa cujo tema era Transfobia nas Escolas, além de uma das travestis doutora, conferencista convidada pelo Congresso, ter sido agredida verbalmente no banheiro feminino, questionada sobre sua permanência naquele espaço, por outra conferencista também convidada pela organização do evento. As denúncias foram feitas durante o evento pela Dra. em Educação, Megg Rayara Gomes de Oliveira. Desta forma, decidimos não encaminhar nosso artigo completo para publicação nos anais deste congresso, pois nos sentimos constrangidos pelos casos de transfobia explicitados.

Situação completamente distinta II Simpósio Internacional em Narrativas, Gênero e Política – Mulheres e Resistência em Tempos de Violação de Direitos, ocorrido em novembro de 2018, na cidade de Belo Horizonte. Tivemos nosso trabalho aceito e apresentado. Participamos das mesas de forma ativa, com questionamentos sobre o os devires travestis transversalizados em nossa atual conjuntura política. Houve escuta, acolhimento e debate. No segundo dia de debate, as artistas (artistas ativistas) do ElityTrans realizaram uma intervenção performática no intervalo de uma das mesas, com trecho da peça Transtornada, Eu?, do Grupo de Teatro Translúcidas, do qual participam. Foi um sucesso tamanho. O chapéu – nome que se dá à contribuição espontânea que se faz após o espetáculo – arrecadou verba suficiente para uma viagem sem percalços



Londrina PR, de 02 a 05 de Julho de 2019.

financeiros⁷. Ao final do congresso, fomos convidados a compor a equipe organizadora do próximo evento, que se dará no ano de 2020.

No final de 2018 fomos convidados para apresentar nosso projeto “Plataforma Digitais”, na reunião Nacional dos Observatórios de Políticas Públicas e Educação em Saúde, do qual fazemos parte pela UEL, numa rede composta por 23 universidades públicas do Brasil. O encontro aconteceu na Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). O debate em torno das questões das pessoas trans e travestis foram potentes e afetaram de tal forma os participantes, que Melissa Campus foi convidada pelo médico sanitário, Emerson Merhry, Professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), para ser uma orientanda sua, caso tenha desejo de seguir a carreira acadêmica. Em agosto de 2019, acontecerá uma das reuniões do Observatório Nacional na UEL, concomitantemente com o Encontro Sul da Rede Unida, para o qual as participantes do Babado já estão convidadas a compor a programação cultural, com a apresentação de peças e performances.

Os disparadores e as conexões não param. No campo do teatro as participantes do ElityTrans e do Grupo Translúcidas de Teatro foram selecionadas pelo Programa Municipal de Incentivo à Cultura de Londrina (PROMIC) o que vem possibilitando diversas apresentações da peça Transtornada, Eu? Em março de 2019, as atrizes participaram do Encontro da Rede Nacional dos Artistas de Rua, em Salvador.

No âmbito da UEL, pela primeira vez, tivemos a procura de uma discente mulher trans para compor a monitoria do projeto. Estamos muito felizes com essa nova possibilidade, tanto para acolher os alunos homens e mulheres transexuais e travestis, que venham se interessar pela proposta, como pela possibilidade de experimentar o ensino e a extensão universitária nestas intensidades de potências de vida. Além disso, como o projeto tem conseguido um número mínimo de bolsas, será possível aos discentes T concorrerem ao fomento extensionista.

Outras mulheres e homens transexuais e travestis tem demonstrado interesse em participar do programa É Babado, Kyrida! de forma mais intensa. No ano de 2019 estamos planejando realizar as reuniões de pauta por web conferência, para possibilitar participações diversas, extrapolando de vez a territorialidade também no planejamento das ações do programa de web rádio. O dispositivo web tem demonstrado uma ferramenta muito apropriada para a sustentação de uma rede mais ampliada de participação na produção e

⁷ Toda viagem foi financiada de forma colaborativa por pessoas parceiras; participantes do Observatório Nacional de Políticas Públicas e Educação em Saúde; e arrecadações espontâneas após apresentações de performances das artistas Linaê Mello e Melissa Campus.



no protagonismo da população T. A ampliação das potentes conexões vai formando uma rede de parcerias, até então não imaginadas, possibilitada e ampliada por meio do projeto de comunicação popular e comunitária em saúde.

Referências bibliográficas

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix; tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 1. São Paulo: Ed. 34, 2005.

BINOCHE, Bertrand. Do valor da história à história dos valores. Cad. Nietzsche, São Paulo, n. 34, p. 35 a-62, 2014.

DEMO, Pedro. Participação é conquista. São Paulo: Cortez, 1996.

GREEN, James & POLITO, Ronald. Frescos Trópicos: fontes sobre a homossexualidade masculina no Brasil (1870-1980). Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

MERHY, Emerson. O conhecer militante no sujeito implicado: o desafio em reconhecê-lo como saber válido. In: FRANCO, PERES, FOSCHIERA et alls. Acolher Chapecó: uma experiência de mudança do modelo assistencial, como base no processo de trabalho. São Paulo: Editora Hucitec, 2004.

MOREIRA, Reginaldo. A comunicação como dispositivo terapeutizante: mais mediação, menos medicação. Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.

PERUZZO, Cicilia K. Comunicação nos movimentos populares – a participação na construção da cidadania. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2007.